

ACIDENTES INFANTIS: OPINIÃO E RECEBIMENTO PRÉVIO DE ORIENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina- UNESP/Marília
sandragp@terra.com.br

GONSALES, Thais Pondaco- UNESP/Marília
thaispondaco@yahoo.com.br

Área temática: Educação: Currículo e Saberes
Agência Financiadora: PROEX

Resumo

Os acidentes representam uma importante causa de morbi-mortalidade no mundo, cuja solução requer ações educativas preventivas, as quais ainda são escassas, em especial nas escolas. Para se obter subsídios para o delineamento de tais ações, este estudo teve como objetivo identificar o recebimento prévio de orientações a respeito da prevenção dos acidentes infantis de profissionais da educação e suas opiniões a respeito destas orientações, bem como da importância de se ouvir sobre a prevenção dos acidentes infantis. Foram participantes desta pesquisa 25 profissionais da educação que assistiram a um mini-curso durante um Encontro de Segurança Pública e Cidadania realizado em uma cidade do interior de São Paulo. Os resultados dos questionários mostraram que a maioria dos participantes (92%) já recebeu alguma informação sobre acidentes, principalmente em sobre primeiros socorros (19,6%). Em relação às informações recebidas, a nota 8 foi apontada por 30,4% dos participantes. O meio citado com maior frequência para o recebimento de informações foram as palestras (21,6%). Quanto à nota que atribuíam em relação à forma como foi passada a informação, 28% dos participantes indicaram nota 8. Questionados sobre onde receberam as informações, os participantes afirmaram ser em Curso (31,7%). Em relação à utilização do conhecimento anteriormente recebido em prevenção de acidentes na sua atuação profissional, a maior parte dos participantes (73,9%) afirmou utilizar. Os principais motivos apontados pelos participantes para utilização dessas orientações em sua atuação profissional foram devido ao trabalho diário com crianças (35%). Todos os participantes afirmaram ser importante ouvir sobre a prevenção de acidentes infantis, e apontaram como principal motivo trabalharem com criança (18,8%). Concluiu-se que o trabalho foi importante para fornecer subsídios para a realização de futuras ações educativas preventivas nas escolas envolvendo profissionais da educação.

Palavras-chave: Acidentes; Profissionais da educação; Ações educativas preventivas.

Introdução

Os acidentes ainda são responsáveis por altos índices de morbimortalidade entre crianças e jovens, e com expectativa de aumento nos próximos anos (BLANK, 1998), sendo considerados um grande problema de saúde pública (BRASIL, 2005).

Segundo Ministério da Saúde (BRASIL, 2005, p. 8) os acidentes são classificados como “evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e de lazer”. De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993) os acidentes por causas externas compreendem os acidentes de transporte, envenenamentos, quedas, queimaduras, afogamentos, engasgo, sufocação e lesões acidentais por armas de fogo.

As causas externas são as maiores responsáveis por perda de anos de vida produtiva, demanda excessiva dos serviços de saúde, ocupam leitos hospitalares, acarretam seqüelas físicas graves, provocando danos financeiros e emocionais a suas vítimas (HARADA et al, 2000).

Gimeniz-Paschoal (1995) analisou os óbitos acidentais de crianças menores de um ano, ocorridos entre 1985 a 1993, no Estado e Município de São Paulo e verificou que a incidência foi respectivamente de 2916 e 675 mortes, com ligeiro predomínio do sexo masculino. Em ambos os locais, a faixa etária de 0 a 27 dias foi a que apresentou maior frequência, diminuindo o número de mortes à medida que aumentava a idade da criança. A mesma autora tem apontado que para a redução desta incidência o enfrentamento deve multiprofissional e focalizado nos cuidadores das crianças, nos diferentes ambientes que elas frequentam (GIMENIZ-PASCHOAL, 1999), sobretudo em instituições de ensino, desde o berçário (GIMENIZ-PASCHOAL, NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2006a), favorecendo também a educação continuada em serviço dos profissionais da educação.

Apesar de vários estudos demonstrarem que a maioria dos acidentes com crianças mais jovens acontece em domicílios, dados da literatura demonstram que os parques infantis e seus equipamentos representam um perigo não suspeitado para a criança. Greensher e Mofenson, desde 1984, nos Estados Unidos, apontaram que 41% dos 150.000 acidentes anuais que exigiram tratamento nas salas de emergência hospitalar resultaram de equipamentos de *playground*, ou seja, 61.500 acidentes. As crianças com menos de oito anos de idade figuraram em mais de 50% dos acidentes, com um número significativo das crianças

com menos de cinco anos de idade. Em um período de investigação nacional de 15 anos, 23% morreram nesses acidentes em *playground*. Dados da Universidade do Norte de Iowa (1999) mostraram que, a cada ano, aproximadamente 211.000 crianças dos Estados Unidos receberam cuidados no departamento emergencial por injúrias sofridas em equipamentos de *playground*, tornando o uso deste equipamento a principal causa de injúria em crianças na escola.

Trabalhos mais recentes demonstraram que esses índices continuam aumentando. Nos Estados Unidos, 200.000 acidentes com pré-escolares e escolares, ocorridos em parques infantis, são comunicados anualmente em departamentos de emergência. Há uma estimativa de que, a cada dois minutos e meio, ocorra um acidente nesses locais, sendo 35% destes considerados como graves e 3% requerendo hospitalização. Do total de crianças atendidas a cada ano, aproximadamente 20 morrem, tendo, em 75% dos casos, como causa primária, a queda do brinquedo associada a lesões cerebrais. Como conseqüências relacionadas a esse tipo de acidente, destacam-se ainda: fraturas, lacerações, contusões, deslocamentos, esmagamentos, lesões internas e amputações (CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2000).

Em nosso país é recente a sinalização de diretrizes para o enfrentamento desta problemática, pois apenas em 2001 o Ministério da Saúde divulgou a Política Nacional para Redução da Morbi-Mortalidade por Acidentes e Violências (BRASIL, 2005), propondo a adoção de comportamentos e de ambientes seguros e saudáveis e a capacitação de recursos humanos. Porém, pouco programas são realizados e geralmente mais voltados para o tratamento de lesões. Um dos raros estudos sistemáticos de prevenção de acidentes infantis é de Gimenez-Paschoal (1998), amparado por um entendimento minucioso dos comportamentos de risco que envolvem o cuidado de crianças (GIMENIZ, 1992), o qual, embora realizado em instituição de saúde, é bastante sugestivo para as instituições educacionais.

Nas escolas, portanto, também são raros os trabalhos que têm abordado o problema dos acidentes infantis. E, ainda, os escassos trabalhos encontrados na literatura relacionados ao tema referem-se, de forma geral, aos acidentes ocorridos no ambiente escolar, e não à sua prevenção.

Nesta direção, três estudos têm se destacado. Oliveira (2003) estudou as opiniões de profissionais de escolas de educação infantil diante de aspectos teóricos e práticos relativos aos acidentes infantis, verificando que diversos acidentes ocorrem nas escolas, que não

havia programas preventivos sendo realizados de forma sistemática, que os profissionais reconheciam locais e situações da escola que apresentavam riscos para a ocorrência de acidentes, mas não identificavam todas as medidas que poderiam ser tomadas. Também caracterizou os riscos de acidentes do espaço, sendo o *playground* o local em que os acidentes ocorriam com maior frequência. A mesma autora, em trabalho posterior (OLIVEIRA, 2008), identificou por meio de filmagem a emissão de diversos comportamentos de risco nos *playgrounds*, bem como diversas características de risco nos brinquedos. Verificou as opiniões dos profissionais, por meio dos questionários, constatando que as quedas e choques com brinquedos e/ou com outras crianças foram os acidentes mais frequentes e com risco importante as situações interativas entre crianças e brinquedos, bem como realizou intervenção com os professores voltada para identificação de situações de risco na escola. GONSALES (2008) realizou ação educativa de prevenção de acidente infantil doméstico com alunos da 2ª série do Ensino Fundamental, envolvendo também a professora e as famílias. Verificando que após a ação educativa houve aumento nas frequências de respostas corretas dos alunos relacionadas aos temas abordados, que eles relataram aos familiares sobre a atividade realizada e que ocorreram algumas mudanças comportamentais e do ambiente familiar.

Para se atuar na prevenção dos acidentes infantis, a educação é uma grande aliada (BLANK, 2002; FILÓCOMO et al, 2002; FONSECA et al, 2002; SAUER, WAGNER, 2003), sendo as Instituições Educacionais, locais próprios e privilegiados para o desenvolvimento de ações educativas para a prevenção desse agravos (OLIVEIRA, 2003), havendo a necessidade de unir profissionais das áreas de saúde com os educadores no sentido de obter a eficácia da ação educativa. De acordo com Leonello e L`Abbatte (2006), a articulação entre Saúde em Educação e Educação em Saúde é capaz de nortear as ações coletivas e de promover as transformações necessárias.

O período em que a criança e o adolescente permanece na escola é apontado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) como um momento importante para “se trabalhar saúde na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para a prevenção de doenças e para o fortalecimento dos fatores de proteção” (p. 533), uma vez que durante o aprendizado que favorece a vida deve fazer parte do repertório de hábitos e atitudes que vão sendo construídos.

O Ministério da Educação, por sua vez, também preconiza que o tema prevenção de acidentes seja abordado nas escolas, o que pode ser constatado nas proposições contidas nos

Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental (BRASIL, 1997), nos quais se encontram recomendações para que a escola ofereça oportunidades ao aluno no sentido de ampliar suas capacidade para “conhecer e evitar os principais riscos de acidentes no ambiente doméstico, na escola e em outros lugares públicos” (pág. 117), bem como em indicações descritas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que também aponta a importância dos professores auxiliarem os alunos na identificação de situações de risco para acidentes, bem como da necessidade de se criar na escola ambiente seguro para que as crianças realizem os diferentes movimentos e explorações que são inerentes ao momento do desenvolvimento em que se encontram.

Dessa forma, uma atuação para prevenção de acidentes infantis e promoção da segurança poderia, com pertinência, ocorrer em instituições educacionais, com objetivos preventivistas e promotores da saúde. Entretanto, são necessário estudos que busquem esclarecer como está a preparação dos profissionais da educação para empreenderem estes esforços e como se posiciona diante destas questões, conhecimentos necessários para empreender ações propositivas.

Objetivo

Identificar o recebimento prévio de orientações a respeito da prevenção dos acidentes infantis de profissionais da educação e suas opiniões a respeito destas orientações, bem como da importância de se ouvir sobre a prevenção dos acidentes infantis.

Desenvolvimento

Participante

Participaram da pesquisa 25 profissionais da educação que assistiram a um mini-curso durante um evento de segurança pública, sendo 12 professores, seis diretores de escola, cinco estudantes, uma coordenadora pedagógica e uma pedagoga.

A idade dos participantes variou de 21 a 52 anos, com média de 37,9 anos e desvio padrão de 9,2, ressalta-se, porém, que dois profissionais não informaram sua data de nascimento. Dezoito participantes tinham como maior grau de escolaridade o superior completo, quatro apresentavam superior incompleto e três possuíam Pós Graduação.

Ambiente

A pesquisa foi realizada durante um Encontro de Segurança Pública e Cidadania realizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo, em parceria com uma Universidade Pública.

Material

Foram utilizados impressos pré-elaborados: Carta de Apresentação da pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e questionário dirigido aos participantes.

Procedimentos

A coleta de dados ocorreu antes da realização de um dos mini-cursos do “Encontro de Segurança Pública e Cidadania”, intitulado “Acidentes e Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: identificação e assistência” ministrado por membros do Grupo de Pesquisa “Educação e Acidentes” da UNESP de Marília.

Os objetivos da pesquisa, bem com seus princípios éticos, foram explicados aos participantes, que foram convidados a responder a um questionário caso desejassem, além do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa.

Profissionais de diversas áreas estavam presentes e responderam ao questionário, porém, para este trabalho, somente os dados referentes aos profissionais ligados à educação foram analisados.

O questionário era composto de nove questões, sendo cinco de múltipla escolha e quatro dissertativas, versando sobre o recebimento prévio de informações envolvendo o tema acidentes, quais os assuntos abordados, as formas, as fontes pelas quais receberam este tipo de informação e suas opiniões acerca destas, bem como se utilizavam esse conhecimento em sua atuação profissional e se achavam importante ouvir sobre essa temática. Questões de identificação pessoal dos participantes também foram feitas, porém, resguardando o anonimato das informações.

As respostas dos participantes foram digitadas em planilhas do *Excel*, categorizadas e dispostas em tabelas.

Resultados e Discussão

Quase a totalidade (N=23; 92%) dos respondentes afirmou já ter recebido alguma informação sobre acidentes, e os assuntos abordados nessas orientações (Tabela 1) foram referentes, principalmente, a primeiros socorros (19,6%), prevenção em geral (16,8%), acidentes em geral (14%) e acidentes de transporte (12,1%).

Percebe-se que a maioria dos entrevistados recebeu informações sobre primeiros socorros, ou seja, de caráter remediativo. Esses dados mostram que seria importante ampliar as possibilidades de prevenção de acidentes e de promoção da segurança nas escolas no sentido de diminuir as oportunidades dos acidentes e os decorrentes danos que eles podem trazer, sobretudo inserindo profissionais da várias áreas da saúde.

Em relação à opinião dos participantes referentes às informações recebidas (Tabela 2), a nota que teve maior freqüência de apontamentos (30,4%) foi 8 às orientações, seguido da nota 10 (26,1%) e nota 5 (2,61%), ou seja, de uma forma geral os participantes gostaram das informações que lhe foram passadas.

Tabela 1- Freqüências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes aos assuntos abordados no recebimento prévio de informações sobre acidentes dos participantes (N=25).

| Assunto abordado no recebimento prévio de informações | f | % |
|--|------------|-------------|
| Primeiros Socorros | 21 | 19,6 |
| Prevenção de acidentes | 18 | 16,8 |
| Acidentes em geral | 15 | 14,0 |
| Acidentes de transporte | 13 | 12,1 |
| Quedas | 11 | 10,3 |
| Queimadura | 10 | 9,3 |
| Afogamento | 9 | 8,4 |
| Intoxicação | 9 | 8,4 |
| Violência doméstica | 1 | 0,9 |
| TOTAL | 107 | 100% |

Tabela 2 - Freqüências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes à opinião sobre as informações recebidas pelos participantes (N=25).

| Opinião sobre a informação recebida | f | % |
|--|-----------|-------------|
| Nota 08 | 7 | 30,4 |
| Nota 10 | 6 | 26,1 |
| Nota 05 | 6 | 26,1 |
| Nota 06 | 2 | 8,7 |
| Outros | 2 | 8,7 |
| TOTAL | 23 | 100% |

Em relação à forma como foi passada a informação (Tabela 3), os respondentes afirmaram que foi principalmente por meio de palestra (21,6%), orientação profissional (18,2%), vídeo (15,9%) e folheto (14,8%).

No trabalho de Gimenez-Paschoal et al (2006), entrevistando 258 responsáveis por crianças de 0 a 14 anos, usuários de Unidades Básicas de Saúde e Unidades de Saúde da Família também da cidade de Marília/SP, foi encontrado que 37,2% dos entrevistados disseram ter recebido informações a respeito da prevenção dos acidentes infantis, sendo indicado como principais recursos utilizados: palestras (23,3%), vídeos (19,8%), folhetos (19,8%) e cartazes (15,5%). Observa-se que, de forma geral, as formas utilizadas para se abordar a prevenção dos acidentes com profissionais da educação e com responsáveis por crianças têm sido próximas na cidade de Marília.

Tabela 3 - Frequências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes à forma como foi passada a informação recebida anteriormente pelos participantes (N=25).

| Forma como foi passada a informação recebida anteriormente | f | % |
|---|-----------|-------------|
| Palestra | 19 | 21,6 |
| Orientação Profissional | 16 | 18,2 |
| Vídeo | 14 | 15,9 |
| Folheto | 13 | 14,8 |
| Cartaz | 10 | 11,4 |
| Reportagem de televisão | 8 | 9,1 |
| Conversa Informal | 5 | 5,7 |
| Leituras (revistas/livros) | 2 | 2,3 |
| Internet | 1 | 1,1 |
| TOTAL | 88 | 100% |

Ao serem solicitados a atribuir uma nota de 0 a 10 em relação à forma como foi passada a informação (Tabela 4), 28% dos participantes indicaram nota 8, 17,4% indicaram nota 9 e 17,4% indicaram nota 5.

De forma geral, os respondentes acharam adequada a forma como lhes foram passadas as informações, com a maioria das notas maiores do que 7.

Tabela 4 - Frequências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes à opinião sobre a forma como foi passada a informação (N=25).

| Opinião sobre a forma como foi passada a informação recebida anteriormente | f | % |
|---|-----------|-------------|
| Nota 08 | 9 | 39,1 |
| Nota 09 | 4 | 17,4 |
| Nota 05 | 4 | 17,4 |
| Nota 10 | 3 | 13,0 |
| Nota 07 | 2 | 8,7 |
| Não respondeu | 1 | 4,3 |
| TOTAL | 23 | 100% |

Quando questionados sobre onde receberam as informações, os participantes afirmaram ser em Curso (31,7%), pela televisão (16,7%), em instituições de saúde (15,0%), disciplina na escola/faculdade (10,07%), dentre outros, como mostra a Tabela 5.

Os responsáveis por crianças entrevistados no trabalho de Gimenez-Paschoal et al (2006b) apontaram como locais e instituições de orientação de prevenção de acidentes as unidades de atenção primária à saúde (32,7%), as escolas (15,8%), as próprias casas dos responsáveis (12,9%) e os hospitais (9,9%). Neste caso, observa-se uma diferença em relação aos profissionais da educação, que apontaram também curso e disciplina na Escola/Faculdade, diferentemente dos usuários de Instituições de saúde. Nota-se que a escola foi indicada por apenas 5% dos participantes e 15,8% dos responsáveis pelas crianças, o que reforça a necessidade de mobilização da Secretaria da Educação, ou mesmo por parte dos profissionais das escolas, no sentido de implementarem cursos que incluam o tema da prevenção de acidentes infantis nessas instituições, visando a capacitação desses profissionais.

Em relação à utilização do conhecimento anteriormente recebido em prevenção de acidentes na sua atuação profissional, a maior parte dos participantes (N=17; 73,9%) afirmou utilizar, quatro (17,4%) afirmou que não utilizam e dois (8,7%) não responderam a questão.

Esses dados vão ao encontro do que é preconizado pelo próprio Ministério da Educação por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental (BRASIL, 1997), que recomendam que a escola desenvolva atividades relacionadas à prevenção dos acidentes e por meio do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que também aponta a importância dos professores auxiliarem os alunos na identificação de situações de risco para acidentes.

Tabela 5 - Frequências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes aos locais das informações recebidas anteriormente pelos participantes (N=25).

| Locais das informações recebidas anteriormente | f | % |
|---|-----------|-------------|
| Curso | 19 | 31,7 |
| Televisão | 10 | 16,7 |
| Instituições de saúde | 9 | 15,0 |
| Disciplina na Escola/ Faculdade | 6 | 10,0 |
| Bombeiros | 3 | 5,0 |
| Escola | 3 | 5,0 |
| Estágio na Faculdade | 2 | 3,3 |
| Internet | 2 | 3,3 |
| Delegado | 2 | 3,3 |
| Juiz | 2 | 3,3 |
| Secretaria da Educação | 1 | 1,7 |
| Livros/ Revistas | 1 | 1,7 |
| TOTAL | 60 | 100% |

Os principais motivos apontados pelos participantes para utilização dessas orientações em sua atuação profissional foram devido ao trabalho diário com crianças (35%) e para prevenir os acidentes (20%), além de outros motivos, conforme pode ser vista na Tabela 6.

Tabela 6 - Frequências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes aos motivos pelos quais os participantes utilizam o conhecimento de prevenção de acidentes em sua atuação profissional (N=17).

| Motivo pelo qual utilizam o conhecimento anterior | f | % |
|---|-----------|-------------|
| Trabalho com criança | 7 | 35,0 |
| Para prevenir acidentes | 4 | 20,0 |
| Necessidade de primeiros socorros com as crianças | 2 | 10,0 |
| Importância de prevenir os acidentes | 1 | 5,0 |
| Orientar as crianças quanto a prevenção dos acidentes | 1 | 5,0 |
| Esses conhecimentos são rotineiramente necessários | 1 | 5,0 |
| Medidas de prevenção de acidentes são constantemente tomadas na escola | 1 | 5,0 |
| Pela falta de conhecimento das pessoas | 1 | 5,0 |
| Incorporando conteúdos de prevenção de acidentes no currículo da escola | 1 | 5,0 |
| Não respondeu | 1 | 5,0 |
| TOTAL | 20 | 100% |

Aqueles que responderam ainda não utilizar o conhecimento de prevenção de acidentes na sua atuação profissional, um justificou em razão de não ter precisado, outro que não foi necessário até o momento e dois não deram justificativas.

Quando questionados sobre a importância de se ouvir sobre a prevenção de acidentes infantis, todos os profissionais responderam afirmativamente, indicando que esses profissionais reconhecem a importância dessa temática. Além disso, a disposição dos educadores em ouvir sobre o assunto demonstra que os mesmos encontram-se receptivos, o que pode tornar a ação educativa mais efetiva, já que esses acreditam na importância desse tipo de informação.

Os estudantes também acham importante ouvir sobre esse assunto, como apontado no trabalho de Gonsales (2008), no qual 95% dos alunos entrevistados disseram achar importante receber esse tipo de informação, principalmente para evitar o acidente (43,8%). Neste trabalho a autora conclui que atividades educativas realizadas em sala de aula com os alunos são viáveis de serem realizadas e com a possibilidade das orientações fornecidas aos alunos repercutirem em outros ambientes e com outras pessoas.

Em outro trabalho realizado por Gonsales e Gimenez-Paschoal (2007), foi questionado a 23 estudantes se seria relevante receber esse tipo de informação na escola, ou seja, se a escola seria um local apropriado para oferecer informações a respeito da prevenção dos acidentes, sendo que 19 (82,6%) crianças responderam que sim.

Sendo assim, foi questionado a todos quais seriam os principais motivos apontados para se ouvir sobre a prevenção (Tabela 7). Os entrevistados responderam que era porque trabalhavam com criança (18,8%), por ser importante adquirir conhecimento (15,6%) e para prevenir os acidentes (15,6%).

Conclusão

Foi possível, com esse trabalho, identificar que os profissionais da educação que participaram do mini-curso já receberam informação a respeito dos acidentes infantis, e que eles utilizam essas informações em sua atuação profissional. Porém, essas estiveram mais relacionadas a aspectos remediativos, não sendo desenvolvidos, na sua maioria, trabalhos de prevenção.

Além disso, apesar do já recebimento prévio de orientações, os educadores indicam a necessidade de ouvir sobre o assunto, pois realizam trabalhos diários com crianças e há a necessidade de prevenção dos acidentes.

Tabela 7 - Freqüências absolutas e relativas das categorias de resposta referentes aos motivos pelos quais consideram importante ouvir sobre prevenção de acidentes infantis (N=25).

| Motivos importantes para ouvir sobre prevenção | f | % |
|--|-----------|-------------|
| Trabalho com criança | 6 | 18,8 |
| Adquirir conhecimento | 5 | 15,6 |
| Para prevenir os acidentes | 5 | 15,6 |
| Primeiros socorros/saber lidar quando acontecer acidente | 4 | 12,5 |
| Para perceber quando a criança estiver com problemas | 3 | 9,4 |
| Não justificaram | 3 | 9,4 |
| Aplicar conhecimentos na vida | 2 | 6,3 |
| Utilizar conhecimento na prática profissional | 1 | 3,1 |
| Trabalho com educação | 1 | 3,1 |
| Conhecimento traz melhora no trabalho | 1 | 3,1 |
| Gerar rede de informações | 1 | 3,1 |
| TOTAL | 32 | 100% |

A análise dos dados obtidos demonstrou também que o trabalho foi importante para fornecer subsídios para a realização de futuras ações educativas preventivas em escolas, envolvendo os todos os profissionais da educação, se possível de forma sistemática e ampliando as ações preventivas e promotoras da segurança junto aos pais e aos alunos, prevenindo, assim, futuros problemas de saúde decorrente dos acidentes infantis.

Em razão do número de participantes deste trabalho, novos estudos deverão ser empreendidos, incluindo amostras maiores, fortalecendo os subsídios já encontrados para o planejamento de ações junto aos profissionais da educação.

Considerando a escassez de estudos desta natureza na literatura e a necessidade de enfrentamento no país desta questão importante que é a educação para a prevenção dos acidentes, novas pesquisas são sugeridas, em diferentes contextos, para ampliar a produção de conhecimentos e alavancar novas ações propositivas.

REFERÊNCIAS

BLANK, D. Controle de acidentes e injúrias físicas na infância e na adolescência. In: COSTA, M. C. O.; SOUZA, R. P. de (Orgs.). **Avaliação e cuidados primários da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 235-242.

BLANK, D. Prevenção e controle de injúrias físicas: saímos ou não do século 20? **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 2, p. 84-86, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde.** Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. Informes Técnicos Institucionais. A promoção da saúde no contexto escolar. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 533-535, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Política nacional de redução de morbimortalidade por acidentes e violência:** Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01, publicada no DOU nº 96 seção 1E de 18/05/01/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – 2. ed.- Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 64p.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Playground safety** [serial online], 2000. Disponível em:< <http://cdc.gov/safeusa/playgrou.htm>.> Acesso em: 25 ago. 2003.

FILÓCOMO, F. R. F. et al. Estudo dos acidentes na infância em um pronto socorro pediátrico. **Revista Latino-Americana de enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 41-47, 2002.

FONSECA, S. S. et al. Fatores de risco para injúrias acidentais em pré-escolares. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n.2, p. 97-104, 2002.

GIMENIZ, S.R. **Algumas características de usuários do Setor de Pediatria de um Centro de Saúde Escola: subsídios para a atuação preventiva do psicólogo.** São Paulo, 1992. 235p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

GIMENIZ-PASCHOAL, S.R. Mortes acidentais em menores de um ano. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO CAMPUS DE MARÍLIA, 2, Marília, 1995. **Resumo...** Marília: UNESP, 1995. p.76

GIMENIZ-PASCHOAL, S.R. **Prevenção de quedas acidentais de bebês: uma intervenção do psicólogo com mães usuárias do Setor de Pediatria de um Centro de Saúde.** São Paulo, 1998. 283p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

GIMENIZ-PASCHOAL, S.R. Acidentes infantis e formas de prevenção. **Diário**, Marília, 31 ago. 1999. Opinião, p.2-A.

GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; NASCIMENTO, D. C.; OLIVEIRA, R.A. Registros e relatos de profissionais sobre acidentes com crianças até 2 anos em instituição educacional: subsídios para ação educativa com os profissionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO: POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A INFÂNCIA, 1, Bauru, 2006. **Resumos...** Bauru: UNESP, 2006a. CD ROOM.

GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. et al. Estratégias educativas para prevenção de acidentes infantis - recursos utilizados, instituições e profissionais envolvidos: relatos de

pais/responsáveis por crianças. In: JORNADA PEDAGÓGICA. 11. 2006, Marília. **Anais...** Marília: Unesp, 2006b, p. 97.

GONSALES, T. P. **Ação educativa de prevenção de acidentes domésticos em escola de ensino fundamental.** 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GONSALES, T.P., GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. Opinião de escolares do ensino fundamental sobre ações educativas voltadas para a prevenção de acidentes infantis no contexto escolar. In: ENCONTRO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO. 2. 2007, Araraquara. **Anais...** Araraquara, 2007. 1 CD-ROM.

GREENSHER, J.; MOFENSON, H. Acidentes nos brinquedos. **Clínicas Pediátricas da América do Norte**, v. 1, p. 131-143,1984.

HARADA, M. J. C. S. et al. Epidemiologia em crianças hospitalizadas por acidentes. **Folha Médica**, 2000. v. 119, n. 4, p. 43-47.

LEONELLO, V. M.; L'ABBATE, S. Educação em Saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em Pedagogia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.10, n.19, p.149-66, 2006.

OLIVEIRA, R. A. **Educação infantil e acidentes:** opiniões dos profissionais e caracterização dos riscos do ambiente educativo. 2003, 177f. Dissertação (Mestrado) – UNESP - Universidade Estadual Paulista. Marília, 2003.

OLIVEIRA, R. A. **Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds:** identificação e opiniões de profissionais de educação infantil. 2008, 165f. Tese (Doutorado) – UNESP - Universidade Estadual Paulista. Marília, 2008

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde.** 10ª revisão. São Paulo, v.1, 1993.

SAUER, M. T N.; WAGNER, M. B. Acidentes de trânsito fatais e sua associação com a taxa de mortalidade infantil e adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1519-1526, 2003.

UNIVERSITY OF NORTHERN IOWA. Playground safety – United States, 1998-1999. **MMWR Morb.Mortal.WKLY Rep.**, v. 48, n. 16, p. 329-332,1999.